

Culturas e História dos Povos Indígenas

Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Culturas e História dos Povos Indígenas

Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Tais Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Culturas e história dos povos indígenas

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Culturas e história dos povos indígenas [recurso eletrônico]
/ Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do
Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-366-8

DOI 10.22533/at.ed.668201609

1. Etnologia. 2. Povos indígenas – História. I. Pereira,
Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula.

CDD 980.41

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Há, na construção tradição narrativa da realidade brasileira, ou do “Mito fundador” como chamou a Marilena Chauí, um lugar constante para as culturas e povos indígenas. Um lugar passivo, esquecido, padrão como toda tradição inventada: em que o real não ocupa tanto espaço quanto o que se espera ser: um indígena que não ocupa os dias atuais, mas pertencem a dias esquecidos como influência.

Não é assim, por mais força que essa imagem tenha no senso comum, que os povos indígenas ocupam seus espaços e lutam por direitos, reconhecimento e conhecimento nos dias atuais. De fato, a própria ideia de “indígena» pode acabar por mascarar a realidade dos grupos e povos e identidades diversas que nos cabem no Brasil. Em todos os continentes, os povos indígenas permanecem enfrentando massiva discriminação, com impactos agravados quando se encontram em situação de minorias, étnicas e lingüísticas. Por isso é extremamente importante a reflexão proposta sobre esse tema. Na tentativa de avançar na desconstrução desse espaço imaginário do indígena mítico, que tem que ser substituído pelo reconhecimento de suas culturas ricas e diversas e de sua luta incessante. Essa cultura vasta e diversificada.

Disponos no Brasil de uma miríade de culturas e saberes, realidades materiais e imateriais. Tomar como objeto, significa, como bem lembra Manuela Carneiro da Cunha (1998) – a cultura global não existe como um imperativo absolutos, enquanto reconhecermos que o local não perde seu poder. Muito pelo contrário, continuam presentes e ativos, com seu espaço e presença enquanto objeto de investigação e de construção da realidade social brasileira.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Janaína de Paula do E. Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A CRIANÇA GUARANI E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INFANTIL INDÍGENA NA ALDEIA KRUKUTU

Edna Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.6682016091

CAPÍTULO 2..... 13

DISCUSSÃO E CONSTRUÇÃO DE CURRÍCULO NAS ESCOLAS INDÍGENAS DOS POVOS DA REGIÃO DO TAPAJÓS-ARAPIUNS – AMAZÔNIA – BRASIL

Claudio Emidio-Silva

Rita de Cassia Almeida-Silva

Maria Lucia Martins Pedrosa Marra

DOI 10.22533/at.ed.6682016092

CAPÍTULO 3..... 23

DESAFIO DOCENTE E AS PRÁTICAS INCLUSIVAS: O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) NA ESCOLA INDÍGENA DE RORAIMA

Catarina Janira Padilha

Leila Soares de Souza Perussolo

DOI 10.22533/at.ed.6682016093

CAPÍTULO 4 37

A FUNÇÃO AFIRMATIVA DA BIBLIOTECA ESCOLAR COM A MANUTENÇÃO DA CULTURA INDÍGENA

Carla Patrícia Martins Albuquerque

Paulo Roberto de Souza Freitas

DOI 10.22533/at.ed.6682016094

CAPÍTULO 5..... 51

ANÁLISE DO ENSINO PRATICADO EM UMA ESCOLA INDÍGENA: O CASO DA ALDEIA TUXA EM IBOTIRAMA, BAHIA

Adriana Maria dos Santos

Fábio de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.6682016095

CAPÍTULO 6..... 63

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL NO ALTO RIO NEGRO: ACESSO À EDUCAÇÃO NO CAMPUS IFAM – SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA/AM

Luclécia Cristina Moraes da Silva

Roberta Enir Faria Neves de Lima

Jefferson Aristiano Vargas

Maria Isabel Oliveira Silva

Joscival Vasconcelos Reis

Edilson Martins Melgueiro

DOI 10.22533/at.ed.6682016096

CAPÍTULO 7	77
CANÇÕES DO GRUPO RAÍZES CABOCLAS: A PRESENÇA DO LÉXICO INDÍGENA APLICADA À PEDAGOGIA DO ENSINO BÁSICO	
Karen Francis Maia	
Renato Antônio Brandão Medeiros Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.6682016097	
CAPÍTULO 8	88
DESCOLONIZANDO SABERES: UM DESPERTAR COM A TERRA NO ESTUDO DE OUTRAS EPISTEMOLOGIAS	
Aida Brandão Leal	
Rafaela Werneck Arenari	
Janaína Mariano César	
DOI 10.22533/at.ed.6682016098	
CAPÍTULO 9	97
TRABALHO CÊNICO E TEÓRICO: “IKUÃNI” O CORPO DA ANCESTRALIDADE	
Regina Cláudia Moraes de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.6682016099	
CAPÍTULO 10	107
AUDIOVISUAL E CULTURA INDÍGENA NOS CURTAS METRAGENS DE ADEMILSON “KIKI” CONCIANZA	
Nicolly Cardoso Tiradentes de Souza	
Carolina Fernandes da Silva Mandaji	
DOI 10.22533/at.ed.66820160910	
CAPÍTULO 11	119
ORALIDADES, MEMÓRIAS E NARRATIVAS MĚBĚNGÔKRE: HISTÓRIAS DE UM POVO “SEM ESCRITA”	
Dilma Costa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.66820160911	
CAPÍTULO 12	132
MEMÓRIAS DE FAMÍLIA: RECONSTRUINDO A HISTÓRIA DE JOÃO TOMÁS, REVELA-SE UM PEDAÇO DA HISTÓRIA PANKARARU E DOS ÍNDIOS NO NORDESTE	
Alberto Reani	
Josélia Ramos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.66820160912	
CAPÍTULO 13	146
O MOCORORÓ E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS POVOS INDÍGENAS DO LITORAL CEARENSE - RESISTÊNCIA E ESPIRITUALIDADE NOS MODOS DE FAZER E CONSUMIR	
Carolinne Melo dos Santos	
Anna Erika Ferreira Lima	
Ana Cristina da Silva Moraes	

Mateus de Castro Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.66820160913

CAPÍTULO 14..... 160

INDICADORES NATURALES SOBRE LAS VARIACIONES CLIMÁTICAS QUE UTILIZAN LOS PUEBLOS INDÍGENAS DE LA AMAZONÍA PERUANA: CASO DE CUATRO COMUNIDADES NATIVAS DE UCAYALI Y MADRE DE DIOS.

Yolanda Ramírez Villacorta

Oliverio Llanos Pajares

DOI 10.22533/at.ed.66820160914

CAPÍTULO 15..... 175

MANEJO FORESTAL DE BOSQUES COMUNALES: ESTRATEGIA PARA LA MITIGACIÓN Y ADAPTACIÓN AL CAMBIO CLIMÁTICO EN COMUNIDADES NATIVAS AMAZÓNICAS DEL PERÚ

Yolanda Ramírez Villacorta

DOI 10.22533/at.ed.66820160915

CAPÍTULO 16..... 187

PROCESOS DE DESCOLONIZACIÓN A PARTIR DE LA “EXPERIENCIA DE LA EXTRAÑEZA” COMO UNA EPISTEMOLOGÍA CONTRAHEGEMÓNICA PARA LAS TRANSFORMACIONES GLOBALES. UNA PERSPECTIVA FEMINISTA

Cornelia Giebeler

DOI 10.22533/at.ed.66820160916

CAPÍTULO 17..... 202

DA LÍNGUA AMEAÇADA ÀS POLÍTICAS DE FORTALECIMENTO: ASPECTOS DA SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DOS ASURINI DO XINGU

Rodrigo Mesquita

Adriane Melo de Castro Menezes

DOI 10.22533/at.ed.66820160917

CAPÍTULO 18..... 218

AS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NAS POLÍTICAS PÚBLICAS E OS IMPASSES INTERÉTNICOS NA EFETIVAÇÃO DO CONSELHO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS POVOS INDÍGENAS DO TOCANTINS

Adriana Tigre Lacerda Nilo

DOI 10.22533/at.ed.66820160918

CAPÍTULO 19..... 229

WARMIPANGUI: CUERPO EN DISPUTA, CONTROL Y DOMINACIÓN

Enoc Moisés Merino Santi

DOI 10.22533/at.ed.66820160919

CAPÍTULO 20..... 238

TERRITORIO ZAPATISTA Y POLÍTICA CIUDADANA

Gloria Patricia Ledesma Ríos

Nancy Zarate Castillo

DOI 10.22533/at.ed.66820160920

CAPÍTULO 21.....248

A EXPERIÊNCIA DOS ‘ESCRAVOS DE CONDIÇÃO’ NO PROCESSO DE LEGALIZAÇÃO DO ESCRAVISMO INDÍGENA DO SÉCULO XVII

Antonio Martins Ramos

DOI 10.22533/at.ed.66820160921

CAPÍTULO 22.....258

INVESTIGAÇÃO DO USO DE ÁLCOOL EM INDÍGENAS KARIPUNA

Fernanda Matos Fernandes Castelo Branco

Divane de Vargas

DOI 10.22533/at.ed.66820160922

CAPÍTULO 23.....271

PARA ADIAR O FIM DO MUNDO: RESISTÊNCIAS NO PENSAMENTO-AÇÃO DE AILTON KRENAK

Fernanda Elias Zaccarelli Salgueiro

DOI 10.22533/at.ed.66820160923

SOBRE AS ORGANIZADORAS.....283

ÍNDICE REMISSIVO.....284

CAPÍTULO 8

DESCOLONIZANDO SABERES: UM DESPERTAR COM A TERRA NO ESTUDO DE OUTRAS EPISTEMOLOGIAS

Data de aceite: 01/09/2020

Data da submissão: 05/06/2020

Aida Brandão Leal

Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Institucional da Universidade Federal do
Espírito Santo.

Vitória – Espírito Santo

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6085209776026365>

Rafaela Werneck Arenari

Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Institucional da Universidade Federal do
Espírito Santo.

Vitória – Espírito Santo

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6878588118594833>

Janaína Mariano César

Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Institucional da Universidade Federal do
Espírito Santo.

Vitória – Espírito Santo

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6837127144059829>

RESUMO: Este artigo aponta para um exercício de contra colonização na prática de pesquisa com os povos indígenas do Espírito Santo, especialmente, os Tupinikim. A partir do despertar com a terra e com as memórias ancestrais se tecem elementos da produção de conhecimento indígena e suas lutas pelo território. A defesa pelo território e os desafios que envolvem o cultivo da memória indígena tencionam e problematizam o fazer da educação indígena em meio às mudanças dos modos de vida que coloca em

questão a transmissão dos saberes e práticas do povo Tupinikim.

PALAVRAS-CHAVE: Povos Indígenas; Contra Colonização; Epistemologias

DECOLONIZING KNOWLEDGE: NA AWAKENING WITH THE LAND IN THE STUDIES OF OTHER EPISTEMOLOGIES

ABSTRACT: This present article indicates to a counter-colonization exercise in research practices with indigenous peoples in Espírito Santo, especially, the Tupinikim. From the awakening with the land and with the ancestral memories, the elements of the indigenous' knowledge production and fights for territory are made. The territories' defense and the challenges that tangle the indigenous' memories cultivation, intend and problematize the making of indigenous education throughout the changes in the ways of life that put into question the transmission of knowledge and practices of the Tupinikim people.

KEYWORDS: Indigenous Peoples, Counter-colonization, Epistemology

INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz recortes da pesquisa apresentada através da dissertação “Encontros com um Brasil afro-pindorâmico: processo formativo de pesquisa contra colonial em terras indígenas no Espírito Santo” (LEAL, 2019), ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo. Esta pesquisa compõe o

conjunto de trabalhos desenvolvidos através do Projeto: “Saberes Tradicionais Indígenas e Produção de Subjetividade: Memória e Políticas de Saúde”, do Edital N°12/2015 “Memórias Brasileiras: Conflitos Sociais”, fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES com os povos indígenas do Espírito Santo, Brasil, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), que teve como objetivo problematizar o fazer pesquisa com os povos indígenas, especialmente a população Tupinikim, situada em Aracruz/ES.

Metodologicamente o trabalho busca no diálogo com essa população gerar modos de produção de conhecimento contra colonialistas, acessando e afirmando os saberes tradicionais, especialmente àqueles vinculados à memória, saúde e relação com a terra.

A perspectiva contra colonizadora (BISPO DOS SANTOS, 2015) está situada numa afirmação prática de modos de existência e saberes dos povos tradicionais, sendo, portanto, a descolonização em ato. Gera, por sua vez, a problematização de pensamentos, discursos e práticas, com grande atenção às forças que envolvem as relações de colonização.

Situar os processos de colonização que atravessam a história das ciências e suas reverberações na relação com os povos indígenas nos oferece certa contextualização.

PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E PROCESSOS COLONIZADORES

Ao longo da história do ocidente, a produção do conhecimento tem sido solidificada a partir de uma fundação racionalista, que é princípio basilar para a consolidação do saber científico. Esta se edifica enquanto um modelo epistemológico hegemônico e colonizador, à medida que desconsidera outras formas de conhecimento (NDLOVU, 2017; SANTOS, 2007), como a dos povos indígenas, que são produzidas de modo situado, numa epistemologia baseada na relação intrínseca com a terra e com a ancestralidade.

Desde o Iluminismo a história do ocidente vem sendo marcada por uma busca compulsiva pelos saberes que se propõem absolutos e generalistas quanto ao que seja o universo, a natureza e o homem. O positivismo, que se desenvolveu nos séculos XVIII e XIX, foi decisivo para conceber uma ciência preocupada com a verdade e com descobrimentos comprováveis e replicáveis. Assim, desenvolve-se um saber operativo da ciência aliada à técnica, fruto de uma sociedade eminentemente industrial. Operar o mundo, sob pressupostos de objetividade, neutralidade e generalidade, significava transformá-lo e submetê-lo aos interesses de um novo ideal de homem: um homem senhor de si e do universo (BOCCO, 2009).

Porém, ainda que façamos a crítica a uma certa história que marca a construção da ciência no ocidente e às condições internas e extrínsecas ao ato de conhecimento que validam o modo de se obter acesso à verdade (FOUCAULT, 2004), é preciso redobrar a crítica ou transformá-la, pois é premente observar que essa história, aquela que perfaz a produção de uma ciência moderna, foi construída na afirmação de um moderno sistema

mundial com bases eurocentradas (NDLOVU, 2017, DUSSEL, 2010). Portanto, distinguir a relação intrínseca entre como pensamos e geramos conhecimento é, ao mesmo tempo, visibilizar as relações que estabelecemos historicamente com o mundo e com os outros seres humanos e não humanos. Ainda, observar quais sujeitos e modos de vida têm sido considerados legítimos, quais saberes na enunciação de um sistema que se quer mundial são excluídos.

Nesse sentido, a ciência moderna, ao se colocar em hegemonia, não apenas desconsidera os saberes tradicionais, mas funciona como instrumento de colonização, submetendo e violentando os saberes dos povos indígenas, como se fossem inferiores, tratando de modo caricatural como folclore e crendice, o que é a base da produção de conhecimento desses povos. Produz dessa forma, invisibilidades e inexistências das sabedorias que estão sustentadas em outras bases epistemológicas, que não as bases da ciência hegemônica.

Esse conjunto de forças que inferioriza e invisibiliza os saberes dos povos indígenas se traduz também na produção do selvagem enquanto uma alteridade colonial (SANTOS, MENESES, NUNES, 2005). Nessa vertente colonizadora, o outro se torna desprovido de desejo, qualidades e capacidades cognitivas, estabelecendo-se assim, uma relação objetual, criando legitimidade, portanto, para explorá-lo e violentá-lo. Desse modo, ao se referir aos povos indígenas como selvagens, fica delineada as distâncias e separabilidades com o que possa ser considerado evoluído e civilizado.

Nesse viés colonizante, é importante distinguir e guardar a singularidade do que se tem nomeado como povos “tradicionais” e saberes “tradicionais”. Comumente encontramos a noção de “tradicional” baseada numa lógica de fixação no tempo e no espaço. Quando relacionada ao indígena ela pode conformar a impossibilidade de mudanças, como se o indígena não pudesse, por exemplo, ter acesso a aparelhos eletrônicos e/ou outras tecnologias produzidas nesse tempo histórico. Por isso, é importante descolonizarmos essa noção, a partir da análise de que os saberes e práticas dos povos indígenas estão em contínua transformação, situados nos contextos históricos, regionais, ambientais, locais que demandam estratégias distintas, movimentando assim, seus saberes e práticas. O tradicional possui uma aliança com a ancestralidade e, ao mesmo tempo, traz consigo a potência de inventividade, criatividade e transformação (LEAL, 2019; SHUBERT, 2018).

Nesse sentido, partilharemos nesse texto alguns aspectos que afirmam a experiência de constituição dos saberes tradicionais do povo Tupinikim no Espírito Santo, dimensionando as lutas e resistências pela revitalização e reinvenção de práticas, que apontam para epistemologias contra coloniais.

O POVO TUPINIKIM E A TERRA

Atualmente, o povo Tupinikim se dispõe em nove aldeias, no município de Aracruz,

norte do estado do Espírito Santo: Caieiras Velhas, Pau Brasil, Comboios, Irajá, Areal, Amarelos, Córrego do Ouro, Novo Brasil e Olho D'água,. Nesse município há também três aldeias do povo Guarani: Piraqueaçu, Boa Esperança e Três Palmeiras.

A permanência do povo Guarani nesse território possui menos de 50 anos, visto que, de acordo com Quiezza (2014), os Guarani vindos do Sul do Brasil chegaram no Espírito Santo em meados dos anos 1970.

Nesse território dos povos indígenas há também grandes multinacionais, tais como: o estaleiro Jurong Aracruz, Fíbria Celulose Aracruz (Antiga Aracruz Celulose), Portocel (porto especializado no transporte de celulose e madeiras); que remonta práticas históricas de apropriação e exploração do território indígena.

O povo Tupinikim é conhecido também como os Tupi da Costa, portanto, trata-se de um povo que vivenciou os processos de colonização desde o início do século XVI. Em virtude disso, os Tupinikim foram vítimas de inúmeros massacres e diversas violências e estratégias colonizadoras, como, os aldeamentos, a catequização, a imposição do uso da língua portuguesa e a proibição da língua Tupi, gerando com isso, o desuso e esquecimento da língua materna. Ressalta-se que esse grupo étnico existe apenas no Espírito Santo e ao longo da história chegou a ser considerado extinto.

O Tupinikim Jocelino Quiezza (2014) nos assinala que os anos de 1940 marcam o processo de invasão das terras indígenas do norte do Espírito Santo através da instalação da Companhia Ferro e Aço de Vitória (COFAVI). Nos anos de 1960 ocorre a implantação da fábrica de celulose, Aracruz Celulose (ARCEL). A sua instalação se traduz em grandes extensões de monocultura de eucalipto mediante derrubada das matas existentes. Quiezza aponta que “a empresa [ARCEL] comprou os 10 mil hectares da COFAVI enquanto outros 30 mil hectares que pertenciam ao povo Tupinikim foram negociados com o governo do Espírito Santo como se fossem terras devolutas” (idem, p.40).

O processo de retirada das terras dos povos indígenas é basilar para a implantação das empresas capitalistas e isso ocorre na mediação com o Estado, que cria mecanismos que legitimam as práticas de apropriação, roubo e violência, amparados no discurso de que são territórios de vazio demográfico (MOREIRA, 2001). Diante da invasão das terras indígenas, o autor Tupinikim avalia que: “Nos últimos anos, a destruição do meio ambiente causou muito mais impacto no jeito do povo Tupinikim viver do que os quase 500 anos de colonização anterior” (p.40).

Em meio aos projetos econômicos coloniais, portanto, o povo Tupinikim vem desenvolvendo estratégias de resistência em torno da luta pela terra. A luta pela preservação do território ancestral torna-se condição fundamental para o cultivo das memórias e saberes, ou seja, para que a vida deste povo continue pulsando.

A luta pela terra realizada numa aliança entre Tupinikim e Guarani no Espírito Santo possui três marcos importantes: as décadas de 1970 e 1980 quando se fomentou a primeira autodemarcação, o ano de 1998 com a segunda autodemarcação; e o ano de 2005 com a

terceira autodemarcação.

A autodemarcação é uma modalidade de ação não usual pelo menos até a década de 60. “Autodemarcação”, assim ficou conhecido o conjunto de ações desencadeadas nesse processo de retomada, que consiste em demarcar o território de trânsito tradicional dos indígenas, reconhecido por meio de estudos realizados pelos órgãos oficiais do governo brasileiro. Antes de deflagrar esse movimento, eles tecem uma teia de relações com parceiros e argumentos contra a morosidade dos trâmites nas instâncias oficiais e, a partir daí, determinam a ação de “autodemarcação” por conta própria, objetivando forçar a agilização do processo de regularização das terras, entre outros (SCHUBERT, 2018, p.136).

A luta pela demarcação indígena cessou apenas em 2010 quando as terras foram homologadas pelo Ministério da Justiça, mediante documento assinado pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (SHUBERT, 2018).

O processo de lutas pelas terras propiciou ocasião de cultivo e despertar das memórias do povo Tupinikim, à medida que esses movimentos possibilitaram encontros com territórios que guardavam histórias dos antepassados, ensinamentos e acontecimentos. Renovava-se o uso das pinturas, cantos, de modo especial, o espaço da palavra oralizada em que os mais velhos assumiam o lugar da fala com os mais novos (SHUBERT, 2018).

A terra demarcada não é sinônimo de que a luta pela defesa do território esteja findada. As comunidades indígenas ainda sinalizam processos de ocupação irregular por grupos não indígenas; vivenciam tensionamentos com as empresas locais; lidam com os projetos econômicos que geram resíduos industriais e impactos ambientais que afetam os rios, os mangues, o mar e o ar, além das consequências após anos da monocultura de eucalipto (herança das empresas instaladas) para cultivar as terras.

Assim, cultivar o “jeito de ser” Tupinikim se torna ainda mais desafiador diante dessas circunstâncias, principalmente, à medida que, a relação entre os mais velhos e os jovens sofre distanciamentos, seja pela entrada da escola, em que os processos de escolarização fluem como instrumento de resistência, bem como de inserção em trabalhos públicos e do mercado formal; seja pelo acesso aos modos de vida que modificam a relação com os anciãos ou com a própria ancestralidade; seja pelo falecimento destes. Os povos tradicionais e os Tupinikim, inclusive, continuam a viver processos colonizadores que desqualificam sua existência, e seus modos de conhecer e de compor relações.

Diante dessa conjuntura, professoras que atuam na educação indígena, - professoras Tupinikim que cursam a Licenciatura Intercultural Indígena (PROLIND) pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), que já lecionam em escolas indígenas de ensino fundamental nas aldeias locais - colocam a seguinte questão: Como preservar o conhecimento da identidade indígena? Acompanhamos no questionamento uma tensão na relação com a escola, em seus modos de viver o conhecimento, de produzir saber, também atualizados na experiência dos Guarani que vivem na mesma região (ARA RETE/

BENITES, 2015). Ao mesmo tempo, que uma professora adverte que a escola tira o tempo das crianças de conviver com os mais velhos e aprender os ensinamentos que não estão nos livros, mas que são formados na relação com o rio, com os peixes e plantas; a escola indígena também se apresenta como lugar de formação de resistência e de exercício de cultivo da memória Tupinikim, quando outra professora, diante do envelhecimento e falecimentos dos anciãos, sente o compromisso de transmitir os ensinamentos. De acordo com ela: “os velhinhos estão partindo e só nós estamos ficando pra ensinar aos que estão chegando”.

ENCONTRO COM EPISTEMOLOGIAS INDÍGENAS

Quais conhecimentos são estes que não estão nos livros? Como ensinar os conhecimentos da identidade indígena? A qual produção de conhecimento as professoras indígenas se referem? Nesse trabalho, mapeamos algumas problematizações que atravessam a afirmação das epistemologias indígenas, e que nos auxiliam a caminhar na direção dos desafios que vem se apresentando às professoras indígenas Tupinikim.

O que estamos chamando de epistemologias indígenas? Trata-se de saberes e os modos como são gerados e transformados, que se desenvolvem numa relação de pertencimento e imanência com a terra e os seres que nela vivem. Viveiros de Castro (2016) nos ajuda a distinguir que ser indígena é primeiramente ter relação com a terra em que nasceu ou onde se estabeleceu para fazer sua vida, seja ela uma aldeia na mata, um vilarejo no sertão ou uma favela na cidade. Por isso, a produção de conhecimento indígena está territorializada, em uma relação de pertencimento. De modo situado, comporta singularidades presentes em cada território, traduzindo-se em conhecimentos que não se pretendem generalistas e universalizantes.

Viveiros de Castro (2016), diz ainda que “A terra é o corpo dos índios, os índios são parte do corpo da Terra. A relação entre terra e corpo é crucial” (p.4). O autor destaca que a relação com a terra é constitutiva, por isso, a vida dos povos indígenas e a preservação dos seus saberes e práticas, num contexto de capitalismo global, depende da garantia e defesa dos territórios dos povos.

Trata-se, portanto, de pertencer a terra, ser parte dela, diferente de possuí-la, ou de estabelecer uma relação objetual como se fosse um recurso ou um meio de investimentos lucrativos, por exemplo. Por isso, ser indígena não se refere a uma relação qualquer com a terra, pois ela é sagrada e os seres que nela vivem tem força de agência, comunicam-se, interagem e possuem desejos.

O vínculo sagrado com a terra se estabelece à medida que ela manifesta sua capacidade de ensinar, alimentar e de gerar cuidados. Numa epistemologia indígena, os saberes vinculados à vida, demandam certa sensibilidade capaz de conexão e interação com a terra e abertura para sermos capazes de ouvir seu clamor, ensinamentos e receber

sua generosidade. Por isso, a terra é dádiva, fonte de vida, sendo a própria vida (REZENDE, 2018). Nesse sentido, Justino Rezende, indígena Tuyuka, afirma que:

(...) dentro da natureza a parte mais importante é a TERRA. As pessoas vivem da Terra: trabalho, fruto. A *terra é a totalidade da vida*. A própria terra nos fala sobre o cuidado que devemos ter com a vida. Fontes de vida: bosque, rio e terra. A *terra é sagrada*. Pela terra Deus nos dá a VIDA (REZENDE, 2018, p. 82, grifos do autor).

A relação sagrada com a terra entre os povos indígenas é ressaltada também por Toledo e Barrera-Bassols (2015) ao apontar que: “A terra é reverenciada e respeitada, e sua inalienabilidade se reflete em praticamente todas as cosmovisões indígenas” (p. 71-72).

Escobar (2016), por sua vez, sustenta que para superarmos a relação utilitarista, técnica e instrumental com a natureza é necessário a redescoberta da espiritualidade e do sagrado. Trata-se, portanto, de uma espiritualidade que brota do chão, que não está fora da vida e dos sujeitos, por isso, a relação com o sagrado está no enraizamento de sentidos com a terra.

Assim, as epistemologias indígenas se manifestam na inseparabilidade entre os gestos de sentir e pensar que emergem na relação de comunhão com a terra e com os seres que a habitam. Diante disso, nos convidam a modular as formas de produção de conhecimento, aliançando-nos com as lógicas de funcionamentos da terra e seus ecossistemas locais.

Corroborando com essas construções epistemológicas, Bispo dos Santos (2015) nos apresenta a noção de biointeração, que se traduz num modo de vida orgânico com a natureza e com a comunidade, em que a terra é de uso comum. A prática de cultivá-la e de compartilhamento de seus frutos se tornam inerentes, permitindo, por isso, o desenvolvimento de uma racionalidade que evita tanto o desperdício quanto a carência. Por isso, a biointeração ao manter relações orgânicas com a natureza, gera relações de pertencimento, coexistência, interdependência, circularidade, repercutindo na fatura de alimentos e significações entre os humanos. No âmago da biointeração, a terra é divina, sendo, pois, fonte de vida e interação entre os humanos, os não humanos e as divindades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As epistemologias indígenas apresentam-se enquanto modos de produção de conhecimentos que se desenvolvem numa relação de pertencimento, coexistência e interdependência com a terra e com a memória ancestral. Traduzem-se em perspectivas que nos despertam para as diversidades do mundo, das formas de conhecer e existir.

O encontro com epistemologias geradas na relação inseparável com a terra nos convidam ao rompimento com um modo de conhecer firmado em violências epistêmicas, pondo em questão a relação entre os caminhos da ciência moderna hegemônica, sob bases exploratórias e colonialistas, e as consequências de sua operação sobre o mundo.

Trata-se de descolonizar o conhecimento para “pluriversalizar nosso pensamento sobre o futuro do mundo” (NDLOVU, 2017, p. 136), e porque não sobre a atualidade de nosso mundo, abrindo-nos a possibilidade de imaginar mundos outros possíveis e de trabalhar na alimentação da geração da vida.

Assim, o trabalho, no encontro com o povo Tupinikim aponta para o despertar com a terra e os desafios inerentes ao cultivo da memória ancestral. A luta desse povo pela defesa do território que gerou a retomada das terras e seu cultivo, alimenta a potência presente nas memórias, enquanto gesto de liberdade que fortalece esse povo para tomar posse, contar e construir suas próprias histórias.

Na visada contra colonizadora, pretende-se na aliança com a história do povo Tupinikim contingenciar os colonialismos em nós e criar porosidade para acompanhar as potências e forças que sustentam esse povo na luta pela defesa dos territórios, no cultivo das memórias, e nas capacidades e singularidades de inventar modos de existir.

REFERÊNCIAS

ARA RETE/BENITES, S. Nhe'ẽ, reko porã rã: nhemboea oexakarẽ: Fundamento da pessoa guarani, nosso bem-estar futuro (educação tradicional): o olhar distorcido da escola. **Monografia**. Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Santa Catarina: UFSC, 2015.

BISPO DOS SANTOS, A. **Colonização, Quilombos: modos e significações**. Publicação INCT; Brasília, 2015.

BOCCO, F. **Cartografias da infração juvenil**. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2009.dussel

DUSSEL, E. Meditações anticartesianas sobre a origem do antidiscurso filosófico da humanidade. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do sul**. 1. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2010.

ESCOBAR, A. Sentipensar con la Tierra: Las luchas territoriales y la dimensión ontológica de las Epistemologías del Sur. **Revista de Antropología Iberoamericana**. Volume 11, nº1, Pp 11-32, abril/2016.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. LEAL, A. B. Encontros com um brasil afro-pindorâmico: processo formativo de pesquisa contra colonial em terras indígenas no Espírito Santo. **Dissertação**. Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional. Vitória: UFES, 2019.

MOREIRA, V. M. L. A produção histórica dos “vázios demográficos”: guerra e chacinas no vale do Rio Doce (1800-1830). In: **Revista semestral do Departamento de História**. CCHN, UFES: Edufes, 2001, vol. 9.

NDLOVU, M. Por que saberes indígenas no século XXI? Uma guinada decolonial. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu/PR, nº1, pp 127-144, 2017.

QUIEZZA, J. da S. **A revitalização linguística e o fortalecimento da identidade cultural Tupinikim.** Cadernos do Comin, São Leopoldo: Oikos, 2014.

REZENDE, J.S. Divindades – Humanidades – Vidas: Releitura das espiritualidades indígenas. **Convergência**, Brasília - DF, nº 514, 74-86, setembro, 2018.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Estudos Novos**. Nº 79. PP. 71-94, 2007.

SANTOS, B de S; MENESES, M. P.G. NUNES, J.A. **Introdução: Para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo.** In. SANTOS, B. de S. (Org). Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. Rio de Janeiro: Civilizações Brasileiras, 2005. Disponível: <<https://www.ces.uc.pt/publicacoes/res/pdfs/IntrodBioPort.pdf>> Acessado em: 25/02/2019.

SHUBERT, A. P. **Lutas Territoriais Tupinikim: saberes e lugares conhecido.** Coleção Educação e Culturas. Curitiba-PR, 1ªEd. Editora: Appris., 2018.

TOLEDO, V. M. BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural: A importância ecológica das sabedorias tradicionais.** 1ªEd. São Paulo. Editora Expressão Popular, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO. E. **Os involuntários da pátria.** Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/310841864/Os-Involuntarios-Da-Patria-Eduardo-Viveiros-de-Castro> Acesso em: 06/06/2017.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aldeia Tuxa 51

Amazônia 13, 17, 43, 44, 45, 75, 76, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 105, 130, 160, 175, 218, 250, 252, 259, 269

Ancestralidade 89, 90, 92, 97, 98, 100, 101, 104, 113, 151, 152, 156, 157, 158

Audiovisual 99, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 116

C

Comunidades Nativas 160, 162, 165, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184

Construção de Currículo 13

Criança Guarani 1

Curtas Metragens 107, 109

D

Descolonização 89

Disputa 229, 235, 243, 249, 274

E

Educação Escolar 1, 2, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 21, 22, 27, 30, 35, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 70, 75, 76, 121, 202, 203, 206, 207, 208, 210, 216, 224

Educação Intercultural 8, 14, 22, 24, 35, 63

Escolas Indígenas 7, 8, 11, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 26, 29, 32, 34, 53, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 67, 68, 74, 76, 92, 202

Escravidão Indígena 248

Espiritualidade 94, 141, 146, 148, 156, 158

I

Indígenas Karipuna 258

L

Léxico Indígena 77, 80, 81, 83, 85

Língua Ameaçada 12, 202

M

Memórias 10, 65, 66, 88, 89, 91, 92, 95, 102, 110, 116, 119, 132, 135, 144

O

Oralidades 119

P

Políticas 15, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 34, 48, 54, 64, 65, 67, 68, 75, 89, 111, 123, 127, 129, 136, 145, 149, 163, 178, 191, 200, 202, 203, 204, 205, 208, 214, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 244, 249, 251, 253, 270, 277

Políticas de Fortalecimento 202

Práticas Inclusivas 23, 24, 29, 31, 33, 34

R

Resistências 90, 132, 144, 271



Culturas e História dos Povos Indígenas

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Atena
Editora

Ano 2020



Culturas e História dos Povos Indígenas

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Atena
Editora

Ano 2020